

## O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA E DE LITERATURAS HISPÂNICAS NA CONTEMPORANEIDADE: RUPTURAS E RESISTÊNCIAS

Em tempos de retrotopia, que se caracteriza por “[...] visões instaladas num passado perdido/roubado/abandonado, mas que não morreu...” (BAUMAN, 2017, p. 10), o qual promove a bonança que o presente não parece proporcionar, esta edição da revista *Leia Escola*, volume 19, n. 1, cuja temática discute **O ensino de língua espanhola e de literaturas hispânicas na contemporaneidade**, constitui um compêndio que busca responder à seguinte indagação: afinal, que ensino de língua espanhola e de literaturas hispânicas estamos construindo? Por esse ângulo, a imagem da capa desta edição da revista já nos indica possíveis caminhos: uma pintura [*Il dettato*, de Demetrio Cosola], datada de 1891, que ainda nos proporciona, de certa forma, a base que muitos professores esperam de uma sala de aula, ou seja, a homogeneidade e a solidez que as retrotopias nos prometem diante de um presente que se mostra cada vez mais incerto, inseguro, caótico.

De certo modo, os artigos que compõem este volume nos apresentam um panorama de como o ensino de língua espanhola e de literaturas hispânicas vem sendo conduzido no país. Por um lado, destacam-se as rupturas e algumas reafirmações com determinadas retrotopias, que ainda buscam perpetuar sentidos fixos para o ensino de língua e de literatura. Por outro, demarcam-se como um espaço de resistência a essas retrotopias. Assim, esta edição nos proporciona uma amostra significativa dos sentidos que circulam hoje na esfera educacional sobre o ensino da língua espanhola e de literaturas hispânicas, os quais compõem o que comumente denominamos contemporaneidade.

Inicialmente, o artigo “Dialogismo nas mensagens direcionadas aos professores de espanhol em materiais didáticos do século XX e XXI: rupturas e continuidades, de Diego José Alves Alexandre, aborda a relação de alteração e manutenção entre o passado e o presente por meio da análise das mensagens dirigidas a professores de espanhol em livros didáticos publicados nas décadas de 1940 e de 2010. Tomando por base o dialogismo bakhtiniano, o autor aponta que as edições de materiais didáticos de espanhol deste século apresentam relações dialógicas com a produção de livros no século anterior, destacando que essa conexão “[...] constitui o ensino de língua espanhola na atualidade.”

Na sequência, Maria Elia Santos Teixeira também discute o livro didático de espanhol em “A produção escrita no livro didático de língua espanhola”, examinando a contribuição de dois livros didáticos de língua espanhola, aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2015 (*Enlaces e Cercanía Joven*), para o desenvolvimento das habilidades de escrita dos estudantes de espanhol. Na visão da autora, “[...] entende-se a necessidade de resistência cultural e docente a fim de que seja possível (re)existir frente ao cenário apresentado, bem como avalia-se que é preciso retomar o trabalho da escrita nas aulas de Língua Espanhola, com o apoio do livro didático.”

Já em “O papel do professor de espanhol /LE a partir da leitura de *Cómo viajar sin ver* (2010), de Andrés Neuman: reflexões e desafios”, Juliana Bevilacqua Maioli nos convida a discutir rupturas em relação ao papel do professor de língua espanhola por meio do citado livro do escritor argentino. De acordo com a autora, tal obra contribuiu para “[...] repensarmos a importância do letramento crítico, da consciência intercultural e do ato da tradução enquanto elementos fulcrais no processo de ensino/aprendizagem do espanhol/LE no atual contexto educacional brasileiro.”

Por sua vez, o artigo “Pode a literatura latino-americana nos ensinar a respeitar os imigrantes?”, de autoria de José Veranildo Lopes da Costa Junior e Ruan Fellipe Munhoz, traça caminhos para outras aberturas. Por meio da análise de dois poemas não canônicos sobre experiências de imigrantes em “terras estrangeiras”, os autores nos proporcionam uma concepção de literatura “[...] como objeto que nos permite conhecer a nossa própria história e nos humanizar.”

Em “*Me llamo Rigoberta Menchú y así me nació la conciencia*: a língua espanhola como dispositivo de poder”, Fernando Zolin-Vesz e Sandra Leite dos Santos discutem como o espanhol pode ser um fator de exclusão social das comunidades indígenas da Guatemala. Além disso, denunciam que a língua espanhola possui a autoridade para determinar, “[...] quem está incluído/excluído socialmente, contribuindo, assim, para que muitas comunidades indígenas se situem à margem da sociedade guatemalteca.”

Amarino Oliveira de Queiroz em “*Guantanamera*, o filme: interculturalidade e inclusão no ensino de culturas e literaturas hispânicas” assinala que outro grupo quase invisível no ensino de espanhol é formado pelos africanos. Em seu estudo, o autor reivindica a inserção desse grupo nas aulas de língua espanhola e aproxima as culturas *criollas* e afro-cubanas, apontando que podem ser “[...] uma ferramenta pedagógica intercultural inclusiva.” Dessa forma, revaloriza a herança cultural de um povo que realizou importantes contribuições para a formação de nossa identidade.

A seguir, em “A inclusão da literatura de autoria feminina latino-americana nas aulas de ELE: um desafio contemporâneo”, Isis Milreu reflete sobre o significativo aumento de livros publicados por escritoras na América Latina e, paradoxalmente, sua restrita circulação nos países de nosso subcontinente, bem como nas salas de aula. A pesquisadora considera que “[...] é necessário inserir a leitura desta escritura no ensino de ELE, promovendo a sua visibilidade.” Além disso, indica alguns caminhos para que as obras de escritoras latino-americanas possam ser inseridas nas aulas de espanhol.

Outro tema raramente explorado no ensino de espanhol é a abordagem do texto literário destinado aos jovens leitores, o qual é examinado por Carolina Tosi, em “La literatura infantil y juvenil argentina en las clases de español como lengua extranjera. Una propuesta para la reflexión metalingüística”. Em seu artigo, Tosi se apoia na análise do discurso e na polifonia enunciativa, compreendendo a literatura em sua dimensão estética e como uma forma de conhecimento, a fim de que “[...] su tratamiento privilegie el disfrute y la reflexión metalingüística [...] sin transformarse en una mera excusa para la enseñanza gramatical y la extracción de contenidos.”

José Rodrigues de Mesquita Neto e Antônio Luciano Pontes apresentam sua pesquisa sobre a interfonologia das vibrantes envolvendo o português brasileiro e o espanhol como língua estrangeira de professores brasileiros de espanhol em “A influência do tipo fonotático na emergência das vibrantes do espanhol sob uma visão do sistema adaptativo complexo.” Os estudiosos afirmam que os “[...] resultados indicaram que existe competição entre os atratores associados às realizações fricativa e vibrante múltipla. Além disso, a variável tipo fonotático é relevante na construção da interfonologia dos róticos.”

À continuação, encontramos relatos de três projetos que foram desenvolvidos em diferentes regiões brasileiras. O primeiro intitula-se “A identidade latino-americana no movimento ‘Nueva canción latino-americana’, de 1960”, de Adriana Teixeira Pereira. No texto, a autora analisa um projeto desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), campus de Juazeiro do Norte. Pereira afirma que os resultados foram positivos, pois houve “[...] um aprimoramento da língua/cultura espanhola, bem como ampliação dos conhecimentos socio-históricos-culturais da América Hispânica dos participantes, contribuindo, portanto, para a construção da identidade latino-americana.”

O segundo projeto é relatado por Cristiane de Mesquita Alves em “Portfólio poético latino: a poesia hispano-americana em sala de aula”, o qual foi desenvolvido em sala de aula de ensino médio em uma escola da rede particular da cidade de Belém, no Estado do Pará. Alves descreve as etapas da realização da pesquisa desenvolvida pelos discentes que culminou na elaboração de um portfólio com informações sobre poetas de nosso continente e de análises interpretativas de algumas poesias.

Na sequência, em “Elaboração de materiais didáticos para o ensino de espanhol como língua estrangeira na perspectiva dos multiletramentos”, Gabriel Maciel Pereira, Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho e Amanda Mendes compartilham alguns resultados sobre a elaboração de propostas didáticas para o ensino de espanhol/LE, com base na abordagem dos multiletramentos, desenvolvidas em um curso de língua espanhola do Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores (CLDP), um projeto de extensão colaborativo entre os departamentos de Educação e de Letras Modernas da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis.

Por fim, fechando o dossiê temático, temos o artigo “Relações entre tecnologias digitais e livro didático no ensino de espanhol: promovendo o letramento digital” de Luanna Melo Alves e Samuel de Carvalho Lima, que apresenta uma investigação exploratória sobre as tecnologias digitais pressupostas ou ancoradas nas atividades propostas em um livro didático do guia de livros didáticos do Ensino Médio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do ano de 2018.

Na seção livre contamos com a colaboração de dois artigos. O primeiro de Josivaldo Custódio Silva e Antonio Lisboa de Sousa Vieira, “Análise do livro didático do 8º ano da educação de jovens e adultos (EJA)”, que apresenta a análise de um livro didático de 8º Ano da EJA e oferece uma abordagem interpretativa sobre o letramento literário dessa clientela estudantil muito diversificada. E o segundo artigo dessa seção de autoria de Elizabeth Maria da Silva, intitulado “O que dizem graduandos em

pedagogia sobre suas práticas de leitura: o olhar dos letramentos acadêmicos” que oferece um estudo de caso sobre práticas de leitura acadêmica, com o intuito de examinar como estudantes do curso de Pedagogia, de uma universidade federal brasileira, descrevem e analisam suas experiências com a leitura de textos acadêmicos, resgatadas, retrospectivamente, em entrevistas semi-estruturadas.

Além dos artigos apresentados anteriormente, o dossiê também traz a resenha de dois livros publicados em 2018. Inicialmente, Lorena Goes Cavalcanti apresenta a obra *Ensino de literaturas hispânicas: reflexões, propostas e relatos*, organizada por Adriana Ortega Clímaco, Isis Milreu e Raquel da Silva Ortega. O referido volume reúne trabalhos de professores e investigadores de várias partes do Brasil, bem como de outros países, analisando distintos aspectos do ensino de literaturas em língua espanhola de diferentes óticas. A outra resenha é de autoria de Fabrício Cordeiro Dantas que se debruça sobre o livro *As identidades e as relações étnico-raciais no ensino da língua espanhola*, organizado por Gilson Rodrigo Woginski, Lígia Paula Couto e Renan Fagundes de Souza. Trata-se de uma obra composta por dez capítulos que discutem a referida temática sob vários ângulos.

Finalizando a coletânea, Isis Milreu nos apresenta a entrevista “Los escritores de literatura tenemos que llegar a las aulas”, realizada com a autora argentina Maria Rosa Lojo. Nesta entrevista, os leitores brasileiros têm a oportunidade de conhecer algumas informações sobre Lojo e sua obra, bem como ver o seu ponto de vista sobre temas contemporâneos, tais como a literatura de autoria feminina, a relação entre a ficção e a história, a imigração e o ensino de literatura na atualidade, entre outros.

Consideramos que o objetivo deste dossiê foi plenamente atingido, uma vez que os artigos, as resenhas e a entrevista nos dão algumas pistas para a questão proposta no início desta apresentação. Afinal, através destas leituras podemos inferir que o ensino de língua espanhola e de literaturas hispânicas que estamos construindo hoje é baseado na diversidade tanto de temas quanto de perspectivas teóricas, refletindo uma das marcas da contemporaneidade: a multiplicidade.

Atualmente, o ensino de ELE e de suas literaturas está se reinventando, resistindo às políticas educacionais retrógradas que ameaçam sua continuidade. Portanto, para combater o obscurantismo que paira em nosso país é preciso combater concepções elitistas de ensino e continuar o processo de ruptura com os tradicionais paradigmas de ensino. Para isso, é fundamental incluir nas aulas de espanhol obras de autores não canônicos, dar voz aos indígenas, aos africanos e às mulheres, abordar os multiletramentos, promover a interculturalidade, examinar os materiais didáticos, realizar novos projetos e pesquisas... Entendemos que, apesar de vivermos em um momento de retropias, não é possível abandonarmos a utopia, pois, segundo o escritor uruguaio Eduardo Galeano, sua principal função é nos ajudar a caminhar. Em suma, é preciso resistir!

Boa leitura!  
Os organizadores